



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Setembro de 2023
em Outubro de 2023

A indústria nacional continua estável

A indústria geral demonstrou estabilidade em torno de um índice de 100 a partir de 2021 (Gráfico nº 1). No mesmo período, o setor da indústria extrativa registrou um crescimento mais acentuado, atingindo 106.7 em agosto de 2023. Por outro lado, o setor de transformação manteve-se estável, com uma leve tendência de queda, situando-se em torno de 99. Essas tendências têm implicações distintas para cada setor. A indústria extrativa parece estar em um ciclo de expansão, possivelmente impulsionada pela demanda externa por recursos naturais. Em contraste, o setor de transformação enfrenta desafios, como as elevadas taxas de juros, sugerindo a necessidade de políticas específicas de estímulo e financiamento. Estas dinâmicas são cruciais para a formulação de políticas macroeconômicas e industriais adaptadas a cada segmento industrial.

Em relação às médias móveis trimestrais por categorias de uso final no mesmo período, observamos o seguinte.

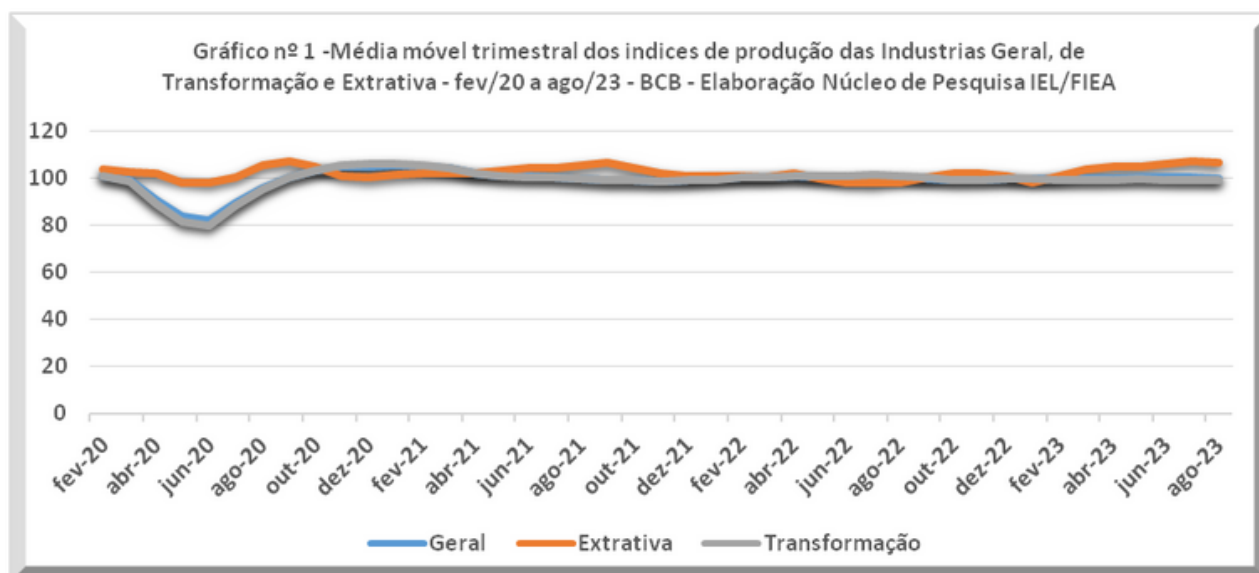
- Bens de Capital apresentaram volatilidade, com uma recuperação após uma queda inicial em 2020, seguida de estabilização e uma leve queda recente, indicando incerteza nos investimentos de longo prazo.
- Bens Intermediários mantiveram relativa estabilidade, oscilando modestamente em torno do índice 100, indicando uma demanda constante por insumos industriais.
- Quanto aos Bens de Consumo Duráveis e Semiduráveis e Não Duráveis, ambos demonstraram um padrão de recuperação após quedas iniciais, mas com diferenças. O primeiro se recuperou para níveis ligeiramente acima de 100 e permaneceu estável, enquanto o segundo mostrou flutuações menores e também se estabilizou em torno do índice 100.
- Assim, o setor de Bens de Capital revela maior volatilidade e uma tendência de queda recente, enquanto os Bens Intermediários são caracterizados pela estabilidade. Bens de Consumo Duráveis e Semiduráveis e Não Duráveis, embora sigam padrões de recuperação semelhantes, diferem em suas amplitudes de flutuação. Essas discrepâncias nos comportamentos dinâmicos são cruciais para a formulação de políticas econômicas específicas para cada categoria.

Apesar do ajuste positivo na previsão de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 2023, como realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), que revisou sua projeção de 1,2% para 3,3%, refletindo um cenário mais otimista para a economia brasileira, é importante destacar que a análise por setor revela uma pronunciada heterogeneidade no desempenho da indústria. A indústria de transformação enfrenta desafios significativos, com quedas perceptíveis na demanda e na produção, especialmente em setores mais sensíveis às elevadas taxas de juros. Como resultado, a projeção da CNI aponta para uma redução de 0,5% no PIB da indústria de transformação em 2023.

Adicionalmente, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) de outubro de 2023 registrou uma segunda queda mensal consecutiva, diminuindo 1,4 ponto e atingindo 50,5 pontos, indicando uma preocupação crescente com as condições econômicas. Esse declínio é parte de uma tendência que resultou em uma redução total de 2,7 pontos nos últimos dois meses. O Índice de Condições Atuais, que avalia a percepção sobre as condições presentes, caiu 1,7 ponto para 45,6 pontos, indicando uma avaliação mais negativa e generalizada da situação econômica atual em comparação com os últimos seis meses. Por outro lado, o Índice de Expectativas caiu 1,2 ponto para 53 pontos, mantendo-se acima dos 50 pontos, o que sugere otimismo para os próximos seis meses, embora esse otimismo esteja diminuindo. Esses dados refletem a complexidade das perspectivas econômicas e empresariais no contexto atual.

A economia brasileira no primeiro semestre

A CNI destaca, na Sondagem Industrial setembro/2023, que os empresários industriais identificaram os principais desafios como sendo: demanda interna insuficiente em primeiro lugar, seguida pela elevada carga tributária e taxas de juros elevadas. Tais desafios representam obstáculos substanciais para a retomada sustentada da indústria. A demanda interna insuficiente limita o potencial de crescimento das empresas, pois reduz a necessidade de produção e investimentos. A elevada carga tributária impõe pressão financeira às empresas, diminuindo sua capacidade de investir em inovação e expansão. As taxas de juros elevadas encarecem o crédito, dificultando o acesso ao financiamento necessário para investimentos em modernização e aumento da capacidade produtiva. Para superar esses obstáculos, é crucial a implementação de políticas macroeconômicas, industriais e tecnológicas que estimulem a inovação e produtividade, a qualificação da mão de obra e a competitividade das empresas. A interação entre essas políticas desempenha um papel central na promoção de um ambiente propício para o crescimento e desenvolvimento da indústria.



Ambiente externo provoca ruído em relação à selic

O Banco Central do Brasil (BCB) indica a continuidade da redução da taxa Selic em 50 pontos base nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (COPOM), conforme evidenciado na última Ata do COPOM e em consonância com as expectativas do mercado financeiro. Os membros do Comitê estão unânimes na perspectiva de cortes de 0,50 ponto percentual nas próximas reuniões, considerando esse ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária ao processo de desinflação. Esse ritmo equilibra o compromisso com a reancoragem de expectativas e a dinâmica desinflacionária, levando em conta a inflação antecipada mais benigna no cenário de referência. Não há evidência de aperto excessivo, e o Comitê destaca a importância da cautela e moderação. Uma intensificação adicional do ritmo de ajustes é considerada pouco provável, a menos que ocorram surpresas positivas substanciais nos fundamentos da inflação, como uma reancoragem mais sólida das expectativas ou uma dinâmica muito mais benigna nos serviços.

As estimativas atuais dos agentes financeiros apontam para a continuidade desse ciclo de redução, com cortes da mesma magnitude previstos até junho de 2024. Neste ponto, está prevista uma nova redução de 25 pontos base, levando a taxa Selic a 9% ao ano, onde permaneceria até o final do ano. Se essas expectativas se concretizarem, o BCB encerraria o ciclo de redução de juros com uma taxa real de aproximadamente 5% ao ano. Isso se baseia na mediana do mercado que projeta uma inflação de 3,9% para este período.

Apesar do recente aumento no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) nos últimos doze meses, que subiu de 4,6% em agosto para 5,2% em agosto (ver Gráfico 4), as expectativas apontam para uma tendência de desaceleração da inflação nos próximos meses. A taxa acumulada no ano sugere que o IPCA deve encerrar o ano dentro da meta de 4,5% ao ano. Como já destacado em análises anteriores, a média móvel de três meses dos núcleos de inflação, que excluem choques de curto prazo e buscam captar os efeitos da dinâmica econômica sobre a inflação, mantém uma trajetória de queda desde o início do ano.

De acordo com a pesquisa FOCUS/BCB, a mediana das projeções para o IPCA em 12 e 24 meses é de 4,0% e 3,6%, respectivamente, afastando preocupações quanto à perda de controle da inflação. Além disso, em relação à inflação implícita embutida nos títulos prefixados, observa-se taxas de 4,3% e 4,6% para os mesmos períodos. Embora essas taxas estejam acima das projeções de mercado, ainda não precificam a possibilidade de choques de commodities mais intensos.

No entanto, este cenário está condicionado à evolução do ambiente externo recentemente impactado pela guerra entre Israel e o Hamas. Ou seja, os riscos de contaminação da economia brasileira pelo ambiente externo não podem ser minimizados. O aumento dos 10-Year Treasury Yields dos EUA, em resposta à resiliência da taxa de inflação nos EUA, pode desencadear uma realocação global de capital em direção a ativos americanos, resultando em potenciais saídas de capital do Brasil e pressionando a taxa de câmbio. A elevação do Índice Dólar Futuros (USDx), por sua vez, pode depreciar o Real, afetando a inflação e o endividamento em moeda estrangeira, embora torne as exportações brasileiras mais competitivas, sujeitas à volatilidade da demanda global. Por outro lado, o aumento do preço do Brent (petróleo) pode beneficiar o Brasil, um produtor de petróleo, melhorando a balança comercial, mas também pressionar a inflação por meio dos custos de energia e transporte. A desaceleração da economia chinesa é outro fator crítico, reduzindo a demanda por commodities brasileiras e potencialmente diminuindo os preços globais das commodities, impactando as receitas de exportação do Brasil. Essas interações complexas são influenciadas não apenas por fatores econômicos, mas também pelo cenário político e respostas políticas internas no Brasil.

No entanto, seria um equívoco o BCB reduzir o ritmo de baixa dos juros, seja porque a eficácia dos juros para conter inflação provocada por choques de oferta é pequena, seja porque afetaria ainda mais os investimentos produtivos tão importantes para a retomada sustentada do crescimento, seja por tornar ainda mais custoso o financiamento dos bens de consumo duráveis para as famílias.

A produção industrial brasileira em agosto de 2023

Em agosto de 2023, a produção industrial no Brasil registrou um aumento de 0,4%, considerando os ajustes sazonais. Em comparação com o mesmo período do ano anterior, houve um crescimento de 0,5%. No entanto, é importante observar que esse aumento não conseguiu compensar a retração de -1,1% que ocorreu em julho, conforme a métrica adotada. Conforme destacado previamente nas médias móveis, de acordo com o IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), a indústria brasileira apresentou um crescimento na transição de julho de 2023 para agosto de 2023. No entanto, esse crescimento não foi significativo o suficiente para afastar a produção industrial da zona de estabilidade, que tem sido a tendência predominante ao longo de 2023. Na realidade, esse aumento não foi capaz de compensar totalmente as perdas do mês anterior e, até o momento, estamos testemunhando um ritmo de crescimento industrial hesitante, distante de uma trajetória de expansão robusta.[1]

Segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a utilização da capacidade instalada na indústria de transformação manteve-se praticamente estável, atingindo 78,5% em agosto de 2023. Isso representa um acréscimo de apenas 0,1 ponto percentual em relação ao resultado de julho de 2023, considerando a série com ajuste sazonal. Como resultado desse desempenho, a capacidade utilizada na indústria encontra-se 1,8 pontos percentuais acima do nível pré-pandemia, que era de 76,7% em fevereiro de 2020, mas permanece 2,0 pontos percentuais abaixo da média histórica, que é de 80,5%.

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,4	0,5	-0,3	-0,1
Bens de capital	4,3	-15,4	-11,4	-8,5
Bens Intermediários	-0,3	0,4	-0,4	-0,2
Bens de consumo	1,4	3,4	2,0	1,7
Bens de consumo duráveis	8,0	2,8	4,1	4,7
Semiduráveis e não duráveis	1,0	3,5	1,7	1,2
Extrativa Mineral	-2,7	3,8	5,7	3,2
Transformação	1,0	-0,1	-1,3	-0,8

INDICADORES DE DESEMPENHO

**PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA**

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS – FIEA**

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga VilasBoas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

COORDENADORA

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

Luciana Santa Rita

Consultoras GI

Morgana Maria Machado Moura

Juliana Pereira Ferro

Estagiários

Raquel Maria Cezario

Bruno Melo Vasconcelos

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

Juliana Alves de Melo

Pedro Monteiro de Oliveira



Contato
(82) 2121-3085
(Eliana Sá)

Setembro de 2023
em Outubro de 2023